

A estrutura dual dos objetos culturais *

Muitos já fizeram — não sem dificuldades, mas com bons resultados — a separação entre o mundo natural e o cultural. Hegel foi o primeiro a abordar o tema, com a idéia de *espírito objetivo* (incluindo, aí, tudo que não é natureza). Em princípios do século XIX, este filósofo adverte, pela primeira vez, que, ao lado do espírito como algo vivido em nós, como subjetividade, existe também o espírito como objetividade, como algo concreto, fora de nós; descobre que o Direito, a Moralidade, o Estado, são, também, espírito.

Malgrado isso, foi a filosofia contemporânea, a partir de Husserl, que começou a dominar os fenômenos da cultura. Este pensador, ao propor um *regresso às coisas mesmas*, alarga os horizontes para o surgimento de uma nova filosofia. Assim, a fenomenologia apresenta-se como um *método de descrição das coisas mesmas*, ou seja, o mundo tal qual se mostra ao olhar ingênuo, fora de toda construção conceitual, contudo rico de todas as significações que nos surgem como a estrutura mesma das coisas (os fenômenos). Esta

explicitação do sentido vivido do mundo é, todavia, apenas uma fase. Exige um esclarecimento fenomenológico do sujeito que atribui o sentido. O sujeito não é somente um ser no mundo, mas o que permite que o mundo nasça; é consciência intencional: *toda consciência é consciência de algo*; toda consciência visa um objeto que não é ela, que não pode estar contido nela, que, portanto, é transcendente. A existência da consciência e do mundo são duas realidades distintas. Existem: HOMEM e MUNDO, EU e o MUNDO, o MUNDO e EU, numa correlação irreversível. Temos consciência, ao mesmo tempo, do próprio *eu* e do *mundo*, contorno ou circunstância que rodeia o *eu*.

Do nosso conhecimento, ninguém excedeu a Carlos Cossio na análise dos objetos culturais. Este pensador argentino aplica o método fenomenológico e analisa o cultural começando por uma teoria dos objetos onde reconhece quatro regiões ônticas:

1. Os *objetos ideais* — caracterizando-se por serem irrealis, isto é, não se dão na experiência; são neutros ao valor, e seu processo cognoscitivo é a intelecção, que se realiza através do método racional-dedutivo (Ciências Matemáticas).

2. Os *objetos naturais* — são reais, se dão na experiência; são neutros ao valor, o seu processo de conhecimento é a explicação, realizável por meio do método empírico-indutivo (Ciências Experimentais).

3. Os *objetos culturais* — são reais, estão na experiência; são positiva ou negativamente valiosos e conhecidos mediante o processo gnosiológico da compreensão, por meio do método empírico-dialético (Ciências Humanas).

4. Os *objetos metafísicos* — têm existência real, são valiosos positiva ou negativamente, seu acesso é dado pela alusão mediata do discurso intelectual.

Os dois primeiros objetos são neutros ao valor, e, os dois últimos, valiosos, positiva e negativamente. São valiosos por terem sido criados por uma vida humana. Tendo sido criados pelo homem, possuem uma significação, uma finalidade, um sentido, um valor. Daí serem estas duas primeiras regiões menos complexas do que as outras, pois os seus objetos existem fora do homem, sendo estranhos a ele, enquanto os objetos culturais e os metafísicos são criados pelo próprio homem.

Segundo Carlos Cossio, para descrevermos um objeto cultural, temos que considerar sete caracteres que possuem força apodíctica:

1. O objeto cultural tem uma estrutura de substrato e sentido (é um todo).

O substrato é perceptível com a intuição sensível.

O sentido é compreensível com a intuição emocional.

A intuição sensível é aquela que é insuspeitável e evidente: ver, ouvir, tocar; intuição sensível ou intuição empírica pelo "aqui e agora" dos fatos.

2. Não é a mesma a relação de substrato e sentido e a inversa. Compreende-se o substrato *pelo* sentido. Compreende-se o sentido *em seu* substrato. Falaremos deste assunto, com maiores pormenores, mais adiante, ao abordarmos o método empírico-dialético.

3. Comprovação com casos extremos:

a) "O penhasco que separa duas propriedades ou dois países. Ele é natureza mais sentido como substrato de um ou dois países. É natureza mais sentido como substrato de um objeto cultural. Isto mostra a união íntima entre substrato e sentido. O penhasco serve bem como substrato para limitar propriedades ou soberanias. Já uma nuvem não serviria para tal.

b) Um poeta compõe um poema e não o comunica a ninguém. Já é cultura? Sim. Onde está o substrato? Naqueles movimentos da laringe quase imperceptíveis, que Bergson descobriu e a psicologia atual dá por certos. O aparelho vocal parece vibrar no pensamento solitário. Aí estaria o substrato. O pianista fará movimentos com os dedos, ao pensar na partitura que vai executar depois.

4. A relação entre substrato e sentido é a relação entre expressão e expressado, entre signo e significado. É um todo de sentido por compenetração (ação recíproca). A expressão ou substrato é a parte subordinada. E o sentido (o expressado) é a parte subordinante, porque a expressão aponta para ele e a ele se submete. Isso nos explica porque a nuvem não serve para martelar.

5. O ser do objeto cultural é ser um sentido. Todo objeto cultural tem história, isto é, atitude histórica e situação.

O objeto cultural existe como sentido na história, não como substrato (embora em seu substrato).

6. Se o ser do objeto cultural é ser um sentido, que é um sentido? O sentido é posto por um sujeito cognoscente, que afirma tal sentido com uma intenção objetivante (de objeto). *Sentido é a intenção objetivante de um sujeito que a desenvolve como conhecimento axiológico de algo, enquanto que aquela intenção ex-sistente se radica em algum dos modos de ser do homem plênario* (grifo nosso).

7. Os objetos culturais dividem-se conforme o substrato:

a) substrato — algo natural → objeto mundanal.

b) substrato — vida humana vivente em seus aspectos perceptíveis: momento de um ego → objeto egológico" (1).

Assim, teremos o seguinte esquema para os *objetos culturais*:

<i>Objetos culturais</i>	}	mundanais	{	substrato — pedaço de natureza
				sentido — significação
	}	egológicos	{	substrato — EGO
				sentido — significação

Notamos aqui a separação que Cossio faz quanto aos objetos culturais *mundanais* e os *egológicos*. Nessa análise, estão sempre presentes o substrato e o sentido, dualidade que compõe os objetos culturais. Todo objeto cultural é composto de *substrato* e *sentido*. O *substrato* é o que possibilita a existência dos objetos culturais. No *mundanal*, é a *natureza*, no *egológico* é o *EGO*, pois os objetos egológicos referem-se não mais à vida humana objetivada, mas à vida humana vivente, momento da nossa vida, enquanto vida biográfica. Nos objetos mundanais, o substrato (natureza) é mais simples: o substrato de uma poesia são as palavras, de um quadro, a tela e as tintas, enfim, os materiais primários e secundários que possibilitam a criação de um objeto estético. No objeto egológico, o substrato é o *EGO*, não como vida biológica, mas como vida biográfica. O sentido é a significação que damos aos substratos, é a intuição da sua essência: o sentido existe como vivência do sujeito projetada no objeto.

A existência de um objeto cultural exige não só a existência do substrato, ou algo onde aparece o sentido, senão também a existência da vivência do sentido, que é uma existência forçosamente psicológica e pessoal. Os objetos culturais têm existência própria; é patente que a dualidade metafísica de essência e existência neles se conjuga separadamente: *consistem* e *existem*.

A intuição de um objeto cultural é uma dupla intuição. Há uma intuição do substrato, que é uma intuição sensível, e há uma intuição do sentido, que é uma intuição emocional. Essa dualidade corresponde a uma dupla visão, ôntica e ontológica, que tem o homem por natureza, isto é, corresponde ao ver as coisas por fora e por dentro delas mesmas.

Até aqui, analisamos as propriedades ontológicas dos objetos culturais. Vamos ver agora o ato gnosiológico que nos leva a estas propriedades. Este ato, representado pelo método empírico-dialético, consiste num aperfeiçoamento que Carlos Cossio faz à teoria de W. Dilthey, segundo a qual a natureza se *explica*, enquanto o humano se *compreende*.

Só eram conhecidos dois métodos para melhor se entender os objetos das regiões ônticas: o *dedutivo* e o *indutivo*. Contudo, para Cossio, nem o dedutivo, nem o indutivo, é aplicado como método para compreender-se o cultural. Se nos basearmos na descoberta de que *compreender é reviver sentidos*, conforme revelou Dilthey, a aplicação destes dois métodos já conhecidos se tornará ineficaz para o conhecimento do cultural.

Hegel falou em Dialética, reportando-se ao processo dado entre a tese, antítese e a síntese. Já Rickert argumenta não ser necessária a antítese, podendo haver a tese e a hetero-tese, e é exatamente nesta argumentação que Cossio se baseia ao ampliar o método da compreensão de Dilthey no método empírico-dialético.

A única maneira de chegar-se aos objetos culturais, tanto os mundanais como os egológicos, é apreendendo o seu substrato e o seu sentido, vale dizer, apreendendo-os e compreendendo-os através do método empírico-dialético.

O movimento circular é *indefinido*; o método empírico dialético é um processo circular que vai do sentido ao substrato e vice-versa, tantas vezes quantas forem necessárias. E, se retornarmos, mais enriquecermos nossa compreensão.

Tal método, empírico por certo, decorre do fato de que os objetos culturais, tais como os naturais, têm existência real e estão na experiência, supõem a existência do substrato e a existência da vivência do sentido. Dialético, pois decorre do fato de que os objetos culturais dispõem de uma estrutura dual, composta de substrato e sentido, e a compreensão se dá mediante um movimento circular — “algo como um diálogo — que o espírito empreende entre esses dois elementos, indo e vindo do substrato ao sentido, para ver como tal substrato aloja tal sentido e como tal sentido se encaixa em tal substrato” (2). A relação entre substrato e sentido é uma relação dialética. A dialética não se dá somente entre os opostos (tese-antítese-síntese); dá-se, também, em sentido diverso, mas não oposto (tese-heterotese). Esta é a forma de dialética que se dá entre o substrato e o sentido — “o ver uma pedra no campo e interpretá-la como um marco que separa duas propriedades, por exemplo, constitui o dialético do método da compreensão” (3).

“O fundamento da compreensão está em que o humano ao homem se revela de maneira mais íntima e simples. Aqui se inclui Cossio, ao assinalar que a estrutura gnosiológica onde a compreensão se realiza é um todo simples e aberto. Essa simplicidade decorre de que o cultural — artes e artefatos do homem, criações, pois, de seu espírito — é como que translúcido para o olhar cognoscitivo do próprio homem. Nesse tipo de conhecimento, o homem como que se reconhece em suas obras e criações. Não foi outra a lição de

Dilthey com fundar a compreensão num *reviver (aufleben)*" (4). "Pensando no desportista que melhor joga quanto mais pratica seu esporte, pensando na música que melhor compreendemos quanto mais a escutamos, nos matizes que encontramos, num livro de ciência ou de filosofia, cada vez que o relemos. Em tudo isto vemos como aumenta e se afirma o conhecimento por compreensão, cada vez que retrocedemos até onde ela se encontra (do substrato ao sentido), até o outro ponto dialético que a constitui, *pois retroceder para o espírito é ganhar em interioridade*" (grifo nosso) (5).

"No processo dialético da compreensão, não só se toma o substrato por seu sentido, como se toma o sentido em seu substrato, de modo que esta referência, que dá a materialidade do substrato em ambos os instantes, tira respectivamente toda extravagância à direção do sentido e de um ponto de apoio objetivo à adequação entre um e outro, dentro de um marco circunscrito de possibilidades. A unidade dialética destas instâncias consiste em compreendermos o substrato por seu sentido, ao lado de compreendermos o sentido em seu substrato, o qual faz ver que não são duas relações equivalentes de sentido inverso — e, portanto, meramente justapostas, que poderiam separar-se —, senão que cada uma dá a outra algo que a outra não tem, complementando-a" (6).

Cada vez que se toma o substrato pelo seu sentido, este é posto pelo sujeito cognoscente por recriação, mediante sua vivência; porém, cada vez que se toma o sentido em seu substrato, trata-se de um juízo de comparação logicamente expressável, que leva à valoração a um plano objetivo; em ambos os casos, procura-se a adequação entre o substrato e o sentido. Não é a mesma coisa referir o sentido ao substrato ou tomar o sentido em seu substrato, e referir-se o substrato pelo sentido ou tomar o substrato em seu sentido, porque cada um destes dois componentes tem uma existência independente (a existência do substrato é a de um pedaço de natureza; a existência do sentido é a de uma vivência). "O sentido em seu substrato é uma *coisificação* do sentido. O substrato pelo seu sentido (valoração) é uma *espiritualização* (axiológica) do substrato (axiologização)" (7).

O método empírico-dialético enfatiza a importância da vivência do sujeito cognoscente, e faz-nos ver que a compreensão é bem diferente da apreensão. Na compreensão, se conhece de dentro: quanto mais se conhecem os pormenores do objeto conhecido, mais o compreendemos em toda a sua extensão. Na apreensão, há um conhecer de fora: o objeto é apresentado ao sujeito, enquanto na compreensão há uma representação junto a uma recriação, pois, cada vez que nos colocamos frente a um determinado objeto, vemos partes que antes não haviam sido visualizadas e, por isso, não foram revividas. Aqui entra a teoria de Dilthey, segundo a qual a com-

preensão é um *reviver sentidos*. Em Cossio, seu discípulo, esta recriação mediante sua vivência é dada ao sujeito cognoscente, cada vez que se toma o substrato por seu sentido; e, o contrário, isto é, quando tomamos o sentido em seu substrato, estamos num juízo de comparação logicamente expressável, que ele subdivide em dois: um, entre o substrato e o sentido tomado como ponto-de-partida; outro, entre a valoração ambiental predominante e a valoração pessoal do objeto em questão.

Cossio, com uma ontologia e uma gnosiologia dos objetos culturais, presta valiosa contribuição à filosofia contemporânea, apresentando-nos um fato ainda não percebido: a estrutura dual dos objetos culturais.

ELIANA BARBOSA

* O presente trabalho objetiva, tão só, um estudo sintético das idéias de Carlos Cossio, através das suas obras: "Análítica del objeto cultural". In: *Teoría de la verdad jurídica*. Buenos Aires, Losada, 1954. Cap. 2, p. 63-76; *La teoría egológica del Derecho y el concepto jurídico de libertad*. Buenos Aires, A. Perrot, 1964. p. 60-101, 232-248; "Fenomenologia da compreensão nas ciências humanas". Salvador, UFBA, Mestrado em Ciências Humanas, 1968. mimeo. (Esquema de aulas do Prof. Carlos Cossio).

Esse ilustrado pensador argentino, através de uma fundamentação fenomenológica, analisa os objetos culturais, atribuindo-lhes uma estrutura dual. Comunhando com seu pensamento e elegendo sua teoria como de grande importância para os estudiosos das Ciências Humanas, a autora procura divulgá-la.

1 Cossio, Carlos. "Análítica do objeto cultural e sua divisão fundamental". Salvador, UFBA, Mestrado em Ciências Humanas, 1969. mimeo. p. 1-2 (Curso de Fenomenologia da Compreensão nas Ciências Humanas, aula de 15. 1. 1969).

2 Machado Neto, A. L. A contribuição de Carlos Cossio ao método da compreensão em Sociologia e Ciência do Direito. *Universitas*. Salvador (3-4): 47-57, 1969.

3 Ibid.

4 Ibid.

5 Cossio, Carlos. *La teoría egológica del Derecho y el concepto jurídico de libertad*. Buenos Aires, A. Perrot, 1964. p. 67.

6 Ibid., p. 82.

7 Cossio, Carlos. "A compreensão; seu movimento empírico-dialético, expressão e interpretação". Salvador, UFBA, Mestrado em Ciências Humanas, 1969. mimeo. p. 6 (Curso de Fenomenologia da Compreensão nas Ciências Humanas, aula de 15. 1. 1969).